

Vestígios, “negrofuligens” e “feitiço”: rastros de africanidade na constituição de uma filosofia negro-brasileira

Elisangela de Jesus Santos¹ 

Instituto Federal de São Paulo

Ludmilla Lis Andrade de Lima² 

Pesquisadora autônoma

Artigos Livres | Free Articles | Artículos Libres

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v7i1.10493

RESUMO

Este artigo atende às provocações dos seres encantados que atuam na construção de nossa Filosofia afro-brasileira estimulando a criação de novas epistemologias através do fazer-negro centrado no mistério, na Força Vital, no diálogo com o Tambor e o Batuque e no poder da Palavra, todos estes saberes ancestrais que preenchem e conduzem nossa formação acadêmica como mulheres e pessoas negro-periféricas. Utilizaremos os termos “Filosofia afro-brasileira” ou ainda “Filosofia negro-brasileira” para tratar desses saberes sem que haja diferenciação entre eles. Somos duas pesquisadoras que trabalham os rastros de africanidade nas expressões artísticas e socioculturais buscando seus sentidos e impactos políticos na contemporaneidade. Através de estudos nas ciências sociais, relações étnico-raciais e do campo artístico, queremos identificar, investigar e registrar a filosofia negro-brasileira, fundante de uma epistemologia proposta por mulheres negras, com base no legado africano e pautada na dialogia entre material e imaterial. Desejamos propor novos olhares para a(s) história(s) dos antepassados e descendentes de africanos, contribuindo para o fortalecimento e re-construção do imaginário social ocidental no sentido da emancipação antirracista. A proposta em questão neste artigo aponta expressões culturais sofisticadas da comunidade preta, que corroboram para a ressignificação dessa coletividade destituída de sua humanidade pela estrutura racista.

Palavras chave: Filosofia Negro-brasileira; Epistemologias Afro-brasileiras; Feitiço; Ancestralidade; Mulheres Negras.

Traces, “black soots” and “spell”: traces of africanity in the constitution of a black-brazilian philosophy

ABSTRACT

This article responds to the provocations of the enchanted beings who work in the construction of our Afro-Brazilian Philosophy, stimulating the creation of new epistemologies through the making-black centered on the mystery, on the Vital Force, on the dialogue with the Drum and the Batuque and on the power of the Word. all these ancestral knowledge that fill and guide our academic formation as women and black-peripheral people. We will use the terms “Afro-Brazilian Philosophy” or “Black-Brazilian Philosophy” to address these types of knowledge without any differentiation between them. We are two researchers who work on the traces of Africanity in artistic and sociocultural expressions, seeking their meanings and political impacts in contemporary times. Through studies in the social sciences, ethnic-racial relations and the artistic field, we want to identify, investigate and record the black-Brazilian philosophy, the founder of an epistemology proposed by black women, based on the African legacy and guided by the dialogue between material and immaterial. We wish to propose new perspectives on the history(s) of the ancestors and descendants of Africans, contributing to the strengthening and re-construction of the western social imaginary in the sense of anti-racist emancipation. The proposal in question in this article points out sophisticated cultural expressions of the black community, which corroborate the ressignification of this collectivity deprived of its humanity by the racist structure.

Keywords: Black-Brazilian Philosophy; Afro-Brazilian epistemologies; Spell; ancestry; Black Women.

Submetido em: 25/03/2022 | Aceito em: 27/04/2022

¹ Professora de Sociologia no Instituto Federal de São Paulo. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras. Trabalha com trajetórias de mulheres negras e o legado africano nas práticas culturais e na canção popular brasileira. E-mail: lili.libelula@gmail.com

² Formada em Letras/Literatura, Mestra em Relações Étnico-Raciais (CEFET RJ). Trabalha atualmente na assessoria da escritora Conceição Evaristo e na Interpretação de Audiolivros. Tem experiência teatral em Direção e Interpretação. E-mail: ludmillalis@yahoo.com.br

Tempo de nos Aquilombar

É tempo de caminhar em fingido silêncio,
e buscar o momento certo do grito,
aparentar fechar um olho evitando o cisco
e abrir escancaradamente o outro.
É tempo de fazer os ouvidos moucos
para os vazios lero-leros,
e cuidar dos passos assuntando as vias
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.
É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.
É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos,
e que venham os dias futuros, salve 2021,
a mística quilombola persiste afirmando:
"A liberdade é uma luta constante". (EVARISTO, 2019)³

Podemos pensar nas ligações invisíveis entre os sujeitos afrodiaspóricos como uma trilha de migalhas, um rastro imaterial que nos possibilita associar os diversos estilhaços da construção de subjetividades negras nos mais variados lugares, criando uma espécie de fio adesivo invisível que emenda as experiências, lembranças, sensações e ações desses sujeitos.

Este artigo realiza uma apresentação das observações e investigações de alguns elementos acerca do que chamamos aqui de fazer afrobrasileiro na construção de subjetividades afrodiaspóricas.

Para pensar essas ligações imateriais, trazemos a imagem da afrodiasporicidade como o resultado de uma explosão que estilhaçou o presente-futuro-passado de todo um continente. Explosão esta que deriva de incêndio metafórico, retomando uma entrevista do pensador camaronês Achille Mbembe em que este autor traz esse incêndio como a saída forçada de africanos para escravização em diversos países. Esse "incêndio", tomado como ideia inicial para pensar os séculos de sequestro de sujeitos negros do interior do continente africano, evento que mudou a formação e a prática das subjetividades desses seres enquanto partes individuais e também coletivas das diversas etnias africanas, marca o momento chave do início da construção de vida do sujeito afrodiaspórico mediante a ausência, a falta de seu presente-passado, subtraído pela escravização. Na entrevista, o pensador camaronês dialoga sobre a vida do

³ Poema da escritora Conceição Evaristo publicado no Jornal O Globo em 31 de dezembro de 2019, em sessão em que escritores expressam seus desejos para o ano vindouro.

afrodescendente ser uma tentativa de lidar com o que não sobrou desse incêndio, aludindo à perda dos vínculos, ligações afetivas, objetos, enfim, toda a vida pregressa do sequestrado; Lembranças que ficaram fragmentadas, separadas e se tornaram partes da psique que podem se camuflar e ficarem escondidas, até que sejam convocadas.

Este texto pode se situar exatamente no espaço de preenchimento, podendo ser compreendido como mapa de evidências que nos mostra os sinais, os vestígios e rastros que acompanham a disseminação da cultura e filosofia africana em território brasileiro, que se espalhou a partir de uma explosão.

Através da imagem do incêndio trazida por Mbembe, gostaríamos de refletir a presença, a figuração desse sujeito negro/a nas relações sociais, culturais, espirituais pelo mundo como a disseminação de “fuligens” desse incêndio. As formas de vida e de sobrevivência no período interminável da escravatura e depois no pós-abolição foram assinaladas por essas “fuligens”, que no intuito de nomeá-las de forma inequívoca, chamamos neste artigo de “negrofuligens”.

Diante dessa “dispersão” mundial, podemos pensar automaticamente nos motivos e possibilidades de atração, ou ainda de recomposição da africanidade difundida compulsoriamente pelo mundo como uma reunião de vestígios, como a agregação das construções filosóficas do que podemos chamar de cultura imaterial afrodiaspórica.

Nossa finalidade é apontar e salientar a presença, no saber africano tradicional, anterior ao colonialismo europeu, de uma estrutura de pensamento homogênea, que fundamenta práticas e ações transplantadas para o Brasil e as Américas, as quais até hoje influenciam, redimensionadas pelas circularidades culturais e as encruzilhadas diaspóricas, o cotidiano de comunidades afrodescendentes e eventuais agregados. (LOPES & SIMAS, 2021)

Como pesquisadoras negras brasileiras nos debruçamos sobre as manifestações culturais dos sujeitos negros/as no país a partir do legado africano, tendo como base os mais variados eventos históricos e construções sociais forjadas no bojo das subjetividades negras marcadas pelo duo vida/sobrevida, diante das questões socioeconômicas que envolvem suas experiências de vida.

Investigar a construção de sujeitos afrodiaspóricos na contemporaneidade tem sido trabalho sobre o qual temos nos debruçado. O desejo de investigar as tramas do invisível e de tornar visíveis as epistemologias negro-brasileiras na literatura, na música, nas relações raciais, tem sido nossa tarefa e nossa própria

metaepistemologia. Os caminhos do invisível atingem e convocam também a nós, como mulheres negras, a desenhar esses fios que religam sujeitos afrodiaspóricos ao tempo presente.

No Brasil, contamos com um período bastante específico que anulou a existência e descendência dos povos sequestrados de África. Não nos deteremos em explicar os meandros do período escravocrata, mas entendemos como necessário dizer dos fatos que determinaram a condição de luta pela sobrevivência infligida aos indivíduos afrodescendentes, exatamente porque essa condição determinou e ainda determina muitas de nossas ações.

Ainda no período escravocrata, as formas de sobrevivência e sobrevivida empreendidas pelos indivíduos em cativeiro, as mais diversas, guardavam a intenção e necessidade de "comungar", de seguir os ensinamentos e admoestações daqueles mais velhos, dos ancestrais.

Construir espaços seguros de apoio, pensar relações confiáveis, forjar caminhos rumo à liberdade eram práticas absolutamente imprescindíveis à vida dos escravizados. Sabemos que a escravização de seres humanos de pele preta se consolidou como uma prática de fundamento econômico, e, desde o pós-abolição, a população negra se envolve no próprio planejamento financeiro, na recondução dos bens de consumo, no fomento de sua cultura e na formação intelectual dos mais novos.

Para pensar esses ensinamentos do legado africano sob a perspectiva filosófica negro-brasileira e trilhar um caminho reluzente desses aportes epistemológicos, trazemos para nossa gira acadêmica os conceitos de "memória", "ancestralidade" e "feitiço", desgarrados de outras acepções anteriores, sendo preenchidos e pensados por nós mesmas, seguindo nossas vivências e estudos nas áreas das ciências sociais, literatura e relações étnico-raciais.

Em alguns de nossos estudos, trabalhamos "memória" como conceito criativo, legado mágico e estruturante na formação de uma identidade afrodiaspórica. Aqui nesse artigo, partimos das memórias enquanto conceito e possibilidade de re-traçar o tempo atual contemplando a síntese do tempo tradicional africano. A Memória como meio de reexistência e reposicionamento desse sujeito negro. Falamos especificamente de uma memória coletiva, acessada por todo um grupo de indivíduos que possuem registros semelhantes. Essa Memória

tem sido estudada, partilhada e remexida por diversas intelectuais negras e negros nos mais diversos espaços de construção de conhecimento.

Alex Ratts, na obra *Eu sou Atlântica* (Intituto Kuanza, 2006), traz as palavras da pensadora Beatriz Nascimento sobre a ideia de QUILOMBO, traçando um panorama do cosimento desse tecido imaterial memorialístico quando da criação dos espaços físicos, os territórios chamados de Quilombos, porém amplia seu sentido enquanto espaço intra e também extracorpóreo que vincula e irmana negros e negras em todo o mundo.

Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (1989). (RATTS, 2006.p.59)

Já “Ancestralidade”, acreditamos, pode ser pensada como uma suspensão que “paira” no ar, a sabedoria dos mais velhos, dos não nascidos e dos encantados que orienta, influencia, conduz e adverte os afrodescendentes. A ancestralidade é também e em grande parte o tal fio conducente que pretendemos tornar visível por meio deste/neste artigo.

Por fim, trazemos a ideia de “Feitiço” como a possibilidade de captura desse invisível que “atrai”, une, empatiza, ou ainda sincretiza as experiências de vida desses indivíduos espalhados pelo mundo, mas também em seus encontros, agindo na cor/porificação das expressões artísticas, intelectuais e sociopolíticas que tais sujeitos produzem.

Na tentativa de dar mais corpo à concepção epistemológica abordada, apresentamos algumas obras de arte que exemplificam esses fazeres e saberes negro-africanos, estudos e saberes imateriais que convergem com as visões ancestrais que aqui tratamos.

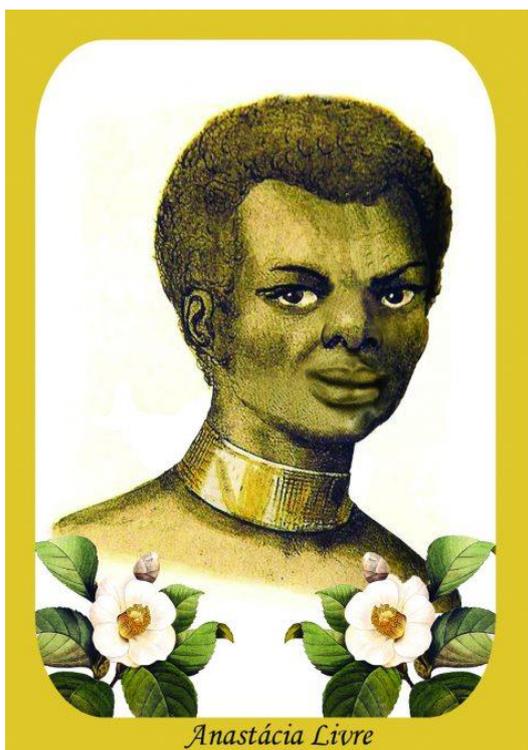
O artista visual Yhuri Cruz cria, em 2019, uma instalação artística chamada MONUMENTO À VOZ DE ANASTÁCIA, em que expõe a palavra VOZ em letras maiúsculas enormes. A palavra é acompanhada de imagem, também criada pelo artista, em que vemos a mulher negra de nome Anastácia, figura que acredita-se

ter vivido entre os séculos XVIII ou XIX. A figura nos fala de uma mulher negra que foi escravizada por atitudes tidas por rebeldes. Em face da não aceitação dos castigos impostos, foi punida com um castigo físico dos mais cruéis – a Máscara de Flandres. A imagem da mulher ficou conhecida e foi difundida no tempo histórico até os dias atuais e a máscara passou a ser símbolo de quem não se deixou calar, mesmo sendo uma representação consolidada em decorrência de muito sofrimento.

A proposta inovadora e de resgate ancestral conceitualizada por Yhuri, traz uma nova imagem, usando a base da anterior, mas com a mulher negra livre do objeto de tortura, figurando um colar de metal precioso, com flores à sua volta. Além disso, o artista cria um material visual que conhecemos como “santinho” da figura de Anastácia, reproduzindo-a em diversos cartões para distribuição aos participantes da exposição:



Figura 1- Monumento à voz de Anastácia. Instalação: afresco-monumento. Obra do artista Yhuri Cruz, 2019.



Oração a Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que **sua luta** te tornou superior, **conquistaste tua voz**, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a **quem luta por dignidade**.

Anastácia, **és livre**, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019

Figura 2 – “Santinho” distribuído na exposição do artista Yhuri Cruz acompanhando a obra “Monumento à voz de Anastácia” contendo uma prece criada pelo artista chamada “Oração a Anastácia Livre”. (2019)

A obra artística de *Anastácia Livre*, nome dado pelo artista, pode dialogar diretamente com outra, mas agora no contexto literário, *Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano* (Ed. Cobogó, 2019), da escritora, professora, psicóloga e performer Grada Kilomba, em que se discute a Memória e o Racismo como ferida colonial por meio de narrativas, entrevistas e histórias vividas pela escritora como mulher afro-portuguesa diante da construção de sua tese de doutorado na Alemanha.

A obra traz um capítulo específico, de nome “A Máscara” (KILOMBA, 2019, p. 33-46) em que a pensadora discute sobre o silenciamento de sujeitos negros/as/es. Grada traz o objeto de tortura (a máscara de flandres) usado por mais de trezentos anos como castigo aos seres escravizados retomando o valor simbólico da máscara no mundo moderno e enquanto alegoria dos mais diversos meios sistemáticos de silenciamento das pessoas negras na colonialidade. Neste sentido, a escritora monta um compêndio de situações de racismo cotidiano, dos “gatilhos” que reatualizam as relações raciais baseadas na servidão. A obra literária possibilita às pessoas negras, sobretudo às mulheres negras, uma compreensão ampliada dos meandros das relações raciais em meio à maquinaria do racismo reatualizado historicamente.

Enquanto Grada Kilomba se utiliza da *Memória* para evocar as lembranças que compõem sua experiência de mulher negra, Yhuri convoca a *Ancestralidade* no resgate da imagem da mulher negra escravizada livre do objeto que a impede de comer, falar e pronunciar. Ambas as artes, lidas juntas ou não, exemplificam o Feitiço, o canjerê, um padê de restauração ancestral que possibilita aos afrodiáspóricos se entenderem como sujeitos de uma coletividade afrodescendente na atualidade. Esse entendimento pode vir em forma de ensinamento, em forma de cura, forjado numa revolução ou ainda redirecionado, retroalimentando outras artes e expressões.

Quando a escritora afro-portuguesa e o artista visual afro-brasileiro compõem suas obras e as popularizam levam em consideração as suas próprias experiências e suas percepções da ancestralidade que é composta por vestígios de nossa africanidade. Além disso, a comunidade preta pode acessar nossa cultura imaterial, esse fio adesivo invisível de que falamos anteriormente a fim de constituir um elo afrodiáspórico.

Quando o sujeito negro/a produz epistemologias pode ativar também sua capacidade de mover lembranças particulares, que são também coletivas, evocando essa memória ancestral para "preencher" as lacunas deixadas pelo que foi "queimado" no incêndio.

É por isso que, quando estamos diante de obras como as aqui mencionadas, seja artes plásticas, literatura ou música, tais obras nos tocam, nos fazem chorar, nos emocionam ou ainda, nos provocam no sentido da criação de outras, novas formas de expressão.

Este sentido criativo produtor de outras novas formas artísticas derivadas da conexão entre pessoas negras de diferentes tempos e espaços históricos e suas vivências também pode ser vislumbrado no movimento de outros artistas na contemporaneidade. No campo das artes visuais, ainda em diálogo com a figura de Anastácia, a multiartista Cláudia Simone dos Santos Oliveira, atriz do Teatro das Oprimidas, traz em sua dissertação de mestrado os conceitos de auto-falante e alto-falante expressos na imagem de Anastácia segurando um megafone. A simbologia da imagem pontua o resgate dessa voz outrora negada às mulheres negras e uma postura de recusa em ocupar novamente esse lugar de interdição da fala. A intelectual desenvolve os conceitos em questão evocando o potencial desejo e força da mulher negra protagonista de sua própria história, o

corpo/mulher negra que conduz sua própria vida e é quem irrompe o discurso de revolta contra um sistema racista e excludente. Mais uma vez, a figura de Anastácia compondo sentidos diversos de um pensamento negro-brasileiro construído por e sobre mulheres negras.



Figura 3 - Anastácia Auto-falante/Alto-falante. Cláudia Simone dos Santos Oliveira. Logo: Soberana Ziza, 2021.⁴

Assim sentimos uma conexão “estranha”, um sentimento similar a um Déjà Vu, uma empatia inexplicável com pessoas que por vezes nunca vimos antes, um reconhecimento quase que instantâneo de uma obra que estamos experimentando pela primeira vez.

Esse Feitiço também pode explicar nosso sentimento diante da imagem de um cabelo estilo “black power”, seja nosso ou de outra pessoa preta, pode explicar as afro-saudações, os leves movimentos de olhos e cabeça quando encontramos um “irmão/ã” ao caminhar na rua, explica a atitude de uma mulher que já passa por dificuldades para sua subsistência, de adotar uma ou diversas crianças, tomando-as para seus cuidados.

Kiusam de Oliveira conceitua poeticamente o cabelo black power a partir do universo infantil presente no livro *O mundo no black power* de Tayó (Ed.

⁴ Aliança Estética Negras Feministas entre a Artista Visual/Arte Educadora Soberana Ziza e a atriz/Kuringa do Teatro das Oprimidas Claudia Simone dos Santos Oliveira. Arquivo pessoal das artistas.

Peirópolis, 2013). Nele, a autora conta a história de Tayó, uma menina de 6 anos e "beleza rara", alegre e encantadora que carrega no corpo diversos saberes conectados à natureza e à "alma potente de seus antepassados" manifestada por meio do legado africano. O caráter poético transmitido entre memórias e histórias compartilhadas por diferentes gerações de mulheres, especialmente entre mãe e filha que compartilham saberes trazidos, sonhados e vivenciados em África são projetados nos cabelos da menina Tayó tornando-se corpo-lugar que reúne e realiza diferentes sentidos e imagens negro-africanas e onde sonhos e enfeites coloridos são guardados e expostos na forma de flores, borboletas, tranças e o que mais a imaginação permitir.

A sofisticação e complexidade do pensamento ancestral, o dinamismo da filosofia afrocentrada imanta nossos corpos. Corporifica as tradições e estruturas imateriais e situa o povo negro diante da sua vida, considerando a concepção de um tempo espiralar, segundo nos traz a pensadora afro-brasileira Leda Maria Martins em seu *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela* (Ed. Cobogó, 2021).

Se considerarmos que os africanos, em sua maioria, vinham de sociedades que não tinham a letra manuscrita ou impressa como meio primordial de inscrição e disseminação de seus múltiplos saberes, podemos afirmar que toda uma plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura, dentre elas as inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme. (MARTINS, 2021)

Esse tempo é o espaço fundante das expressões negro-filosóficas. Quando a escritora Conceição Evaristo compõe uma de suas obras mais conhecidas, o poema *VOZES-MULHERES*, ela expõe uma das formas com que o tempo se mostra dentro do pensamento africano e afro-brasileiro – a ideia do ancestral e do vindouro, a Memória como fundação do eu, a Ancestralidade como local de proteção e discernimento e o Feitiço que permite o encontro de todos os sujeitos negros/as, por meio das expressões artístico-literárias e sociais:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*,
2017, p. 24-25)

O eu-poético traz diversas camadas genealógicas (a bisavó, a avó, a mãe, a filha), remontando suas condições de vida, denunciando a escravatura como castração de suas humanidades: “A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias, debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos...”. A bisavó ecoa lamentos; A avó - obediência; A mãe – revolta; A filha, que podemos tomar como a participante mais jovem dessa genealogia, representando o sujeito afrodiaspórico na atualidade, é quem recolhe as vozes... É quem restitui a fala, é quem realiza o passado perdido, sequestrado. É a Anastácia que se auto-realiza, que grita aos quatro cantos do mundo, que ecoa uma voz que já fora impedida, como traz Cláudia Simone em sua imagem “auto-falante”. É quem cumpre o desejo dos ancestrais. O poema pode figurar como um ensinamento, como um fortalecimento das lutas dos povos afro-brasileiros na atualidade. Mais uma epistemologia afrodiaspórica conduzida por mulheres negras.

A Memória, conceito tão amplamente discutido pela intelectualidade ocidental, aqui neste artigo, segue o caminho apontado por Édouard Glissant, quando constrói, em seu *Introdução a uma poética da diversidade* (2005,) um pensamento que reconhece e registra essa presença e modificação dos padrões mundiais de vivência baseado no diálogo entre os povos afrodiaspóricos com

outros lugares do mundo. O pensador martinicano aponta a difusão das expressões artísticas e sociais desse sujeito afrodiaspórico como uma criouliização do mundo (GLISSANT, 2005, p.18).

Glissant retoma o momento do sequestro dos africanos e seus descendentes e o momento em que aportam nas Américas trazendo a ideia do migrante nu, aquele que segue para outra terra e não carrega nada que possa identificar de onde veio. O "Migrant nu" aporta em diversos outros países destituído de seus vínculos emocionais, de sua família, de sua história. Os traços que os levam à lembrança desse tempo passado ficam escondidos, permanecem "codificados" aguardando o chamado da lembrança. A memória do migrante nu não estará intacta, será suja, impura... uma colagem como diz Mbembe (2016). Em cada um dos vestígios deixados pelos ancestrais, o migrante, jogado ao mar ou aquele que abraça o mar, eterniza seu eu que poderá ser encontrado em seus descendentes quando da vivência desse destino compartilhado, dessa identidade compartilhada.

Na memória dos povos colonizados encontramos inúmeros fragmentos do que foi quebrado em determinado momento e que não pode mais ser reconstituído em sua unidade originária. Assim, a chave de toda memória a serviço da emancipação é saber viver o que se perde, com que grau de perda podemos viver. (...) Podemos recuperar alguns objetos de uma casa queimada, até reconstruir a casa, mas há coisas que nunca podemos substituir porque são únicas, porque tivemos uma relação única com elas. E você tem que conviver com essa perda, com essa dívida que a gente não tem mais como pagar. A memória coletiva dos povos colonizados busca formas de marcar e viver o que não sobreviveu ao fogo (MBEMBE, 2016).

Uma outra obra, na área musical, é capaz de emocionar, impressionar e trazer até nós a sensação já detalhada de Déjà Vu. Estamos falando do Álbum *XÊNIA*, da cantora afro-brasileira Xênia França (Natura Musical, 2017). A obra foi objeto de estudo na disciplina Poéticas e Rítmicas Afro-brasileiras, ministrada no ano de 2020 no CEFET-RJ, suscitando diversas interpretações sobre como se apresentam os vestígios da africanidade brasileira através das canções e da composição visual do álbum.

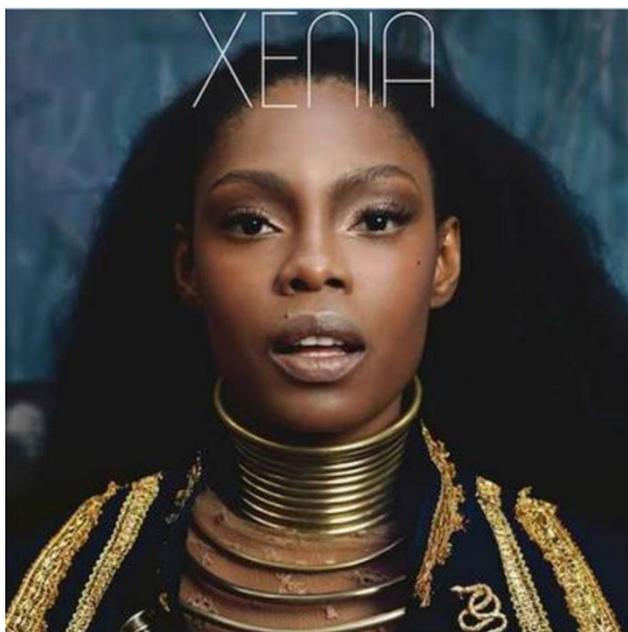


Figura 4 - Capa do Álbum de Xênia França. Natura Musical, 2017. - Foto Tomas Arthuzzi <https://cultura.estadao.com.br/fotos/musica,capa-do-disco-de-xenia-franca,800888>

O álbum *Xênia* foi indicado ao Grammy Latino no ano de 2018, como Melhor Álbum Pop em Português, trazendo 13 canções que apresentam as influências da cantora. No disco, temos a presença massiva da compositora em todas as etapas de construção. Ela compõe, faz os vocais, constrói arranjos e trabalha na produção.

A cantora opta conscientemente por dialogar com temas caros à comunidade preta, como Poder, Diáspora, Mães Negras, A figura do mais velho, do Griot, o cabelo afro e até mesmo de uma África mítica. Na capa, estampada acima, vemos a cantora usando um paletó/casaco que se assemelha a uma farda. Xênia brinca com o fato de ter desejado ser “paqueta da Xuxa” quando de sua infância e nunca ter conseguido – questão que denuncia a invisibilidade das mulheres negras na mídia. Além disso, vemos um colar dourado que se assemelha a alguns dos colares encontrados em Angola ou ainda usados pelo povo Ndebele, da África do Sul. O colar tem o simbolismo de poder.

O fato de Xênia estar usando um colar semelhante aos dos africanos, pode denotar um desejo de se colocar como alguém de poder, ou ainda de trazer esse poder contido em seu trabalho, no caso, nas letras de suas canções e nas escolhas sonoras sofisticadas presentes na obra, seja em *PRA QUE ME CHAMAS?* – primeira canção do álbum, em que traz a figura de Exu como orixá protetor e clama pelo respeito às religiões de matriz africana; Ou em *PRETA YAYÁ* – em que traz

referências sonoras dos tambores e batuques ancestrais africanos e se coloca como instrumento a serviço da Música “Preta”.

Xênia insere seu álbum num lugar de ferramenta epistemológica a serviço da comunidade preta, sobretudo um diálogo com mulheres negras. Além disso, podemos pensar que uma obra que traga essas acepções, pode e tem o objetivo de desestabilizar o cânone musical através das filosofias africanas presentes que possibilitam uma recuperação histórica das culturas afrodiáspóricas, enquanto problematizam suas inserções no mercado musical.

Não bastassem todos esses detalhes que compõem os saberes criados e acionados por Xênia em sua produção, o cabelo como corpo-lugar importante de sua autoimagem na vida e na capa do disco aproxima-se também dos sentidos aqui já acionados através da episteme proposta pela menina Tayó de Kiusam de Oliveira.

Outro debate possível aqui se dá entre o salto de ser paqueta e ser Tayó: a importância que as relações entre mulheres/mães e filhas constroem durante a infância e que são fundamentais para meninas negras nesta fase de suas vidas, mas também com impactos positivos simbólicos e práticos vivenciados na vida adulta.



TAYÓ tem 6 anos. É uma menina de beleza rara. Encantadora, sua alegria contagia a todos que perto dela ficam.

Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca **BELEZAS INFINITAS**.

Figura 5 - reprodução de Tayó, ilustrações de Taisa Borges.

<http://portalcrescer.blogspot.com/2019/02/livro-infantil-o-mundo-no-black-power-de-tayo.html>

E já que falamos em Exu, figura orientadora de uma série de obras negro-brasileiras, trazemos o pensamento do professor Luiz Rufino, que em seu *Pedagogia das encruzilhadas*, mostra a imagem do orixá como quem forja o saber, movimentando o tempo e produz a criatividade. Assim como Exu opera o passado e oferece encantamentos para diversas versões de futuros, os descendentes da diáspora africana são convocados a se construir, movimentando seus corpos em direção às dimensões criadas como estratégias de vida. É Exu quem forja as resistências subterrâneas. É ele quem opera o envoltamento e nos ensina a construir nossa sobrevivência.

Exu é o fator primordial e o dínamo mantenedor e produtor das potências criativas, resilientes e transgressoras. A Pedagogia montada por ele é a orientação que nos permite praticá-lo a partir dos *cruzos* próprios das dinâmicas em encruzilhadas. (...) Assim, as operações de uma educação imantada no poder de Exu vêm a produzir mobilidade, transformação e possibilidades. Qualquer que seja a perspectiva de uma educação – modo produzido de sentir e praticar o mundo – que negue Exu é, em suma, uma perspectiva contrária ao movimento e à transformação (RUFINO, 2019. p.43).

A ideia de Exu como aporte teórico é apresentada na primeira canção do álbum de Xênia *Pra que me chamas?*, é moldada e aprofundada na obra de Luiz Rufino e também poetizada nos versos do intelectual Abdias do Nascimento:

(...)
Exu
tu que és o senhor dos
caminhos da libertação do teu povo
sabes daqueles que empunharam
teus ferros em brasa
contra a injustiça e a opressão
Zumbi Luiza Mahin Luiz Gama
Cosme Isidoro João Cândido
sabes que em cada coração de negro
há um quilombo pulsando
em cada barraco
outro palmares crepita
os fogos de Xangô
iluminando nossa luta
atual e passada
Ofereço-te Exu
o ebó das minhas palavras
neste padê que te consagra
não eu
porém os meus e teus
irmãos e irmãs em
Olorum
nosso Pai
que está
no Orum

Laroiê!

Retomando a ideia de Feitiço, o poema de Conceição Evaristo, a obra de Yhuri Cruz, o livro de Grada Kilomba, o álbum de Xênia França, a obra de Rufino, o poema de Abdias, a imagem auto-falante de Cláudia Simone, a obra infantil de Kiusam de Oliveira, podem ser pensados como vestígios, como materialização dessa cultura imaterial que nos lança de encontro uns aos outros em nossa africanidade. O Feitiço é o que possibilita a “conversa” entre essas artes. É ele quem torna possível a decodificação dos sinais.

Pensar uma filosofia negro-brasileira, para os indivíduos e coletividades afrodiaspóricas, tem sido algo contumaz. O desejo de repensar o mundo atual repleto de uma cultura que admita e de fato necessite de uma influência africana é emergente. Os povos marcados pela subalternidade e pela luta pela sobrevivência já conseguem viver além da expectativa de vida. O devir negro do mundo de que nos fala Mbembe (2018), aponta para as ruínas de uma filosofia eurocentrada, de uma academia obsoleta que se alicerçou na crença de que o conhecimento era propriedade ocidental e branca. Esse artigo tem como premissa essa abertura epistemológica, essa torção do pensamento europeizado como exigência para novos parâmetros acadêmicos, livres de pressupostos racistas e repletos de saberes compartilhados não apenas entre pessoas adultas, mas também por diálogos com as crianças. Não só por aqueles que estão vivos, mas também por aqueles e aquelas que nos deixaram, mas que ainda vivem em nós e por aqueles nossos que ainda viverão.

Nesse artigo está expresso o imenso desejo de fazer visíveis as epistemologias negro-femininas. As diversas formas de construção de pensamentos e ensinamentos em que temos a forte atuação das mulheres negras africanas e afrodiaspóricas. A composição de uma filosofia afro-brasileira ou negro-brasileira passa pela construção do sujeito mulher-negra e vice-versa.

São muitos os vestígios que ainda operam na formação desse ser afrodiaspórico. A Memória, A Ancestralidade e o Feitiço, como operadores também imateriais, seguem circundando as expressões desses povos, nesse tempo espiralar que reinventa um passado suprimido e um futuro presentificado.

Estamos vivendo o momento da colheita. O que nossos ancestrais puderam semear amadureceu e se encontra carente de recolhimento. Se pudermos pensar

nessa filosofia negro-brasileira como, simplesmente, a forma de ecoar (utilizando o verbo escolhido pela autora Conceição Evaristo) as vozes de nossos ancestrais forjando o cumprimento do não-vivido, estaremos prontos para encontrar os mais diversos traços escondidos nas mais diversas expressões da comunidade afrodiaspórica. Estaremos prontos para reconhecer, difundir e conjurar feitiços.

Referências Bibliográficas

EVARISTO, Conceição. Poema **Tempo de nos Aquilombar**. Publicado no jornal O Globo, 2019.

EVARISTO, Conceição. Poema **Vozes-Mulheres. Poemas da Recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano** Tradução de Jess Oliveira. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. SIMAS, Luis Antonio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

LIMA, Ludmilla Lis Andrade. **Vozes de mulheres negras: Branquidade/Trauma e Vestígios/Memórias do racismo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) CEFET/RJ, 2020. http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/148_Ludmilla%20Lis%20Andrade%20de%20Lima.pdf

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**; tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Quando o poder brutaliza o corpo, a resistência assume uma forma visceral**. (entrevista traduzida para o português), Blog Interferências. El diário.es, 2016. https://www.eldiario.es/interferencias/achille-mbembe-brutaliza-resistencia-visceral_132_3941963.html#

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. Ed. Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Claudia Simone dos Santos. **"Que maluquice é essa? Escrivência preta cênica: corporalmente, mulheres negras, saúde mental no Teatro das Oprimidas**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) CEFET/RJ, 2021. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/168_Cla%CC%81udia%20Simone%20dos%20Santos%20Oliveira.pdf

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Pronunciamento de Abdias Nascimento ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia – Padê de Exu Libertador
<http://www.abdias.com.br/biografia/ufba.htm> Acesso em 15/02/2022

SANTOS, Elisângela de Jesus. **Entre a mente e o coração: escrituras negras em Xênia** (2017). Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 13, n. 36, p. 340-360, maio 2021. ISSN 2177-2770.
<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1258>